

REFLEXÕES SOBRE O USO DO HAND TALK PARA O ENSINO DA ASL PARA ALUNOS SURDOS

José Jefferson Leôncio Cavalcanti ¹
Antonio Henrique Coutelo de Moraes ²

RESUMO

A tecnologia está cada vez mais ganhando espaço nas escolas e, com o uso das tecnologias em sala de aula, as TIDCs são contribuintes para o ensino-aprendizagem, especialmente na educação de pessoas com deficiência. Há muitos desafios que os professores devem superar e as TIDCs servem como suporte. Pensando na educação de alunos surdos, a pesquisa vê a tecnologia como contribuinte no ensino de línguas. Nas escolas, são ensinadas a Língua Inglesa e a Língua Espanhola como Língua Estrangeira (LE). Mas, para os alunos surdos, essas duas línguas na modalidade oral não contribuem para o uso real de comunicação, pois muitos desses sujeitos acessam apenas a leitura e a escrita. A pesquisa tem como foco o ensino da American Sign Language (ASL) como LE para os alunos surdos, pois tal língua permite que os alunos possam utilizá-la em situações comunicacionais que garantem o uso da língua através de sinais com usuários que fazem o uso da mesma língua de sinais estrangeira, assim como utilizam a primeira língua, a Libras, com seus pares. Para isso, a pesquisa tem como objetivo apresentar o aplicativo Hand Talk como ferramenta contribuinte no ensino da ASL para alunos surdos. Para o desenvolvimento da pesquisa, pautamo-nos na metodologia de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, partindo das reflexões de Giroto, Poker, Omote (2012), Santos e Andrade (2014) e Zuffo (2010). Assim, conclui-se que é possível utilizar o Hand Talk como ferramenta contribuinte no ensino da ASL para alunos surdos e que essa língua pode ser utilizada em situações comunicacionais através dos sinais. A pesquisa demonstrou a importância do ensino da ASL em sala de aula e que o aplicativo não é apenas um tradutor como muitos usuários veem, mas sim uma ferramenta de aquisição de línguas de sinais.

Palavras-chave: Surdez, ASL, Hand Talk, Tecnologia, Ensino.

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias, a cada dia que passa, estão mais inseridas no nosso cotidiano. E, sendo levadas para o âmbito educacional, há muitas discussões sobre o uso das tecnologias em sala de aula e muitas das vezes essas discussões têm foco em alunos típicos. Direcionando isso ao ensino de alunos com deficiência, por que quando falamos no uso de tecnologias em sala de aula pensamos logo em salas com alunos sem deficiência, que muitos chamam arbitrariamente de “normais”? Ainda há uma falta de discussões sobre o uso das tecnologias voltadas para alunos com deficiência, uma vez que esses são capazes de utilizarem as ferramentas de forma

¹ Mestrando em Ciências da Linguagem (PPGCL) pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, jose.2022600019@unicap.br;

² Doutor em Ciências da Linguagem (PPGCL) pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Professor do PPGCL da UNICAP, antonio.moraes@ufr.edu.br.

efetiva no processo de aprendizagem e, para os professores, as tecnologias servem de suporte para amenizar as dificuldades vivenciadas em sala de aula. Assim, buscamos estabelecer com este trabalho algumas aproximações e reflexões iniciais.

As práticas voltadas às tecnologias ajudam no desenvolvimento dos alunos com deficiência e na compreensão de disciplinas ministradas pelos professores. Partindo disso, a pesquisa tem como foco nos alunos surdos e no ensino de língua estrangeira (LE). Nas escolas, o ensino da LE geralmente é a Língua Inglesa (LI) e, para os alunos surdos, essa língua contempla apenas a leitura e a escrita, fazendo com que tais alunos não utilizem essas duas modalidades em contexto real de comunicação. Apesar de haver a possibilidade de se comunicar através da escrita, isso não contribui para a acessibilidade linguística, pois os surdos precisam utilizar uma língua estrangeira para uso em contexto real de comunicação através dos sinais.

O ensino da American Sign Language (ASL) é vista como uma solução para esse problema, pois é uma língua estrangeira e de sinais que possibilita aos surdos se comunicarem em contexto real de comunicação entre sujeitos (surdos e ouvintes) que saibam a referida língua. A pesquisa tem como objetivo geral apresentar o aplicativo Hand Talk como ferramenta contribuinte no ensino da ASL para alunos surdos e, quanto aos objetivos específicos, pretendemos discutir sobre as limitações das línguas estrangeiras orais ensinadas nas escolas para alunos surdos, apresentar a estrutura da ASL, a definição do Hand Talk e as suas funcionalidades e comprovar a utilização do aplicativo para o ensino da ASL. A pesquisa é caracterizada como pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e os assuntos abordados serão divididos em tópicos e, logo em seguida, serão feitas as considerações finais.

A pesquisa nos faz refletir sobre a importância do uso das TIDCs para o ensino voltado a alunos com deficiência, especialmente alunos surdos. A pesquisa demonstrou que é possível utilizar o aplicativo Hand Talk para o ensino de LE, no caso a ASL. E, além disso, nos faz perceber que por mais que as TIDCs sejam ferramentas que cumprem com o seu papel em sala de aula, a mediação do professor não pode deixar de existir. O Hand Talk, por exemplo, é uma ferramenta que não cumpre o papel sozinho no ensino da ASL, mas sim é uma tecnologia que deve ser utilizada com a ajuda de um professor capacitado, que saiba utilizar o aplicativo e que domine a ASL, passando a instruir os alunos e fazer com que eles adquiram uma língua de sinais estrangeira. O uso das tecnologias em sala de aula voltadas a alunos surdos é ser acessível e por serem atípicos não significa que eles não são capazes de utilizarem diversas ferramentas tecnológicas, muito pelo contrário, pois inserir os alunos

surdos na cultura digital é garantir uma aprendizagem efetiva e contribuinte com a autonomia dos alunos.

2. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA O ENSINO

Pelo fato de os alunos serem considerados nativos digitais e estando inseridos na cultura digital, a todo instante estão conectados na internet, usando aparelhos tecnológicos com maestria. Nas salas de aula, momento de prestar atenção para aprender, os alunos sentem dificuldade em se desvincularem de suas redes sociais e deixarem de usar os seus celulares, pois já estão habituados em estarem conectados e acabam não se interessando nas aulas. Há professores que se sentem desmotivados e passam a banir o uso de celulares em sala de aula, passando até mesmo a entrar em confronto com os alunos que demonstram uma certa resistência. Para Giroto, Poker e Omote (2012), as novas gerações estão crescendo em uma sociedade da informação e as escolas precisam se adaptar à realidade atual.

A melhor sugestão aos professores é que esses aproveitem o uso das tecnologias a favor, transpondo as práticas digitais vivenciadas fora das escolas para o contexto de sala de aula, relacionando-as ao ensino, pois utilizar as tecnologias em sala de aula demonstra aos alunos que eles podem utilizar os diversos aparelhos tecnológicos para estudarem e não verem tais ferramentas como apenas um passatempo.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) tem um papel importante na aprendizagem dos alunos e são facilitadores nas ministrações de aulas dos professores. As TDICs são um conjunto de equipamentos e aplicações tecnológicas que geralmente utilizam a internet e diferenciam-se das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Para Fraga (2013), as tecnologias digitais de comunicação e informação são consideradas as novas tecnologias da informação e são a evolução das TICs. Essas novas tecnologias caracterizam-se pela transmissão de conteúdos por meio da digitalização e da comunicação em redes. A autora também cita alguns exemplos de TDICs e são eles: o computador, a TV a cabo, o e-mail, o cinema, e-books, vídeos, fotografias etc.

Brasil (2018) em seu documento menciona as TDICs em uma das sete competências gerais para a Educação Básica que se refere a:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (p. 09)

As TDICs voltadas para o ensino são contribuintes no ensino-aprendizagem, mas nem todos os professores estão preparados para utilizarem as ferramentas tecnológicas voltadas aos assuntos das disciplinas. Além da falta de preparação, nem todas as escolas possuem os suportes básicos como, por exemplo, internet, computadores, tablets, data shows etc. que possam ser utilizados em sala de aula. Nesse sentido, Braga e Vóvio (2015) levam em consideração três questões: acesso às máquinas (suporte), conexão com internet de qualidade (meio) e formação de professores (mediadores). Esse tríptico é o essencial para que as TDICs sejam implantadas na sala de aula e envolvidas nas práticas dos professores e alunos.

3. O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS PARA ALUNOS SURDOS

Os alunos surdos têm o direito de estarem inseridos em um ensino que envolva a tecnologia, pois essa servirá de facilitação na aprendizagem e nas ministrações de aulas pelos professores como, por exemplo, no ensino de uma LE. De acordo com Brasil (1998), a aprendizagem de uma LE juntamente com uma língua materna é um direito de todo cidadão.

No Ensino Fundamental, é ofertado o ensino de LI a partir do sexto ano. Quanto ao Ensino Médio, é ofertado duas disciplinas optativas, no caso a Língua Inglesa e a Língua Espanhola (LES), mas o ensino da LI predomina, pois é a língua considerada a mais comercializada no mundo e faz o papel de língua franca. Segundo Santos, Oliveira e Veras (2019):

Com o surgimento da globalização, tornou-se inerente à comunicação com povos de diferentes nações, com isso, o uso de uma língua franca faz se necessário para tal. A língua inglesa tem suprido este papel, de língua franca, desde meados do século XX, ainda mais, com o avanço tecnológico em diferentes áreas (educação, negócio, mídia, etc.) e a influência da internet, tornou-se inevitável o contato com a língua inglesa em nosso cotidiano, gerando, desta forma, uma grande demanda de pessoas que querem aprender a língua inglesa, seja por desejo, necessidade, turismo, etc. (p. 77)

O ensino de LE aborda quatro habilidades e são elas: fala, escuta, leitura e escrita. Todas essas habilidades contemplam os alunos ouvintes e, para os alunos surdos, as habilidades são limitadas apenas à leitura e a escrita. Segundo Santos e Andrade (2014):

Contudo, alguns professores quando da prática docente não fazem uso da prática pedagógica inclusiva, acreditando que, para o surdo, basta apenas que ele saiba ler e escrever, ou seja, torna a aula então instrumental e não significativa – como se esperava. (p. 03)

Deste modo, os alunos surdos não fazem o uso da LE em uma comunicação oral entre sujeitos que saibam a determinada LE e isso faz com que o aluno surdo utilize apenas a escrita para se comunicar, o que torna a língua alvo irrelevante, pois, em uso real de comunicação por meio

da oralidade, a escrita não é utilizada e a fala não é o código do surdo. A aquisição de uma LE para fazer sentido para o aluno surdo deve haver o uso de uma LE entre sujeitos que utilizem o mesmo código- os sinais.

Como solução proposta, é pretendido que nas escolas seja ensinado a língua de sinais do país estrangeiro, ou melhor, no caso do ensino da LI, é ideal que seja ensinado a ASL. Nesse viés, Zuffo (2010) defende que a ordem de aquisição deveria ser a ASL e depois a LI escrita, pois isso possibilitaria a comunicação entre os alunos surdos e sujeitos que soubessem a ASL, da mesma forma que os alunos ouvintes aprendem a LI para se comunicarem com os seus colegas e com falantes nativos.

4. UMA BREVE HISTÓRIA DA ASL E A SUA ESTRUTURA

Até o início do século XIX, a comunicação para pessoas surdas nos Estados Unidos era quase inexistente, sendo limitada ao uso de alguns sinais no âmbito familiar. A ASL começou quando Thomas Hopkins Gallaudet, depois de ter contato com uma criança surda, decidiu criar uma forma de comunicação entre os surdos da época que proporcionasse um adequado convívio familiar e social para os surdos. Após tentar desenvolver linguagem na criança e sem êxito, Gallaudet resolveu estudar sobre métodos de outros países quanto ao ensino de pessoas surdas.

Gallaudet descobriu que a Inglaterra e a França eram os países considerados mais preparados em questão de métodos de ensino para surdos. Então, ele resolveu viajar para esses países com o objetivo de conhecer todos os métodos utilizados. A viagem de Gallaudet começou pela Inglaterra, mas os educadores ingleses colocaram uma série de condições quanto à divulgação do método e, desta forma, tornou-se inviável a observação e realização dos estudos. Em 1816, Gallaudet buscou contato com três educadores franceses que tinham um trabalho renomado no campo do ensino para surdos. Os educadores eram Abade Roch Ambroise Sicard, Jean Massieu e Laurent Clerc. Os três auxiliaram Gaulladet apresentando o funcionamento do método de ensino francês. Depois disso, Gaulladet decidiu passar dois meses em Paris para aprender com esses mestres.

Gallaudet resolveu voltar para os Estados Unidos acompanhado por Laurent Clerc no qual o auxiliou na criação da primeira escola americana de surdos. Em 1817, os dois educadores fundaram a American School for the Deaf, na cidade de Hartfor. No ano de 1830, outras escolas para surdos ganharam outras regiões dos Estados Unidos e, a partir do trabalho

realizado por Gallaudet e diversos educadores, tornou-se possível a criação da ASL. Gallaudet faleceu em 1851 e um de seus filhos, Edward Miner Gallaudet, decidiu continuar os trabalhos do pai. No ano de 1857, Edward fundou o primeiro colégio universitário para surdos que recebeu o nome de Gallaudet School. E por meio desse colégio, em Washington, foi criada a Gallaudet University.

Quanto à estrutura da ASL, William Stokoe era professor da Gallaudet University e muito contribuiu para os estudos da ASL. Em 1960, fez com que a língua de sinais fosse reconhecida como uma língua por ser um sistema linguístico completo e sofisticado. Segundo Oliveira (2015), Stokoe desenvolveu um projeto de trabalho com quatro grandes metas:

1. Provar que os sinais utilizados pelos estudantes surdos apresentavam todas as características semelhantes às línguas orais e tinham o mesmo potencial para a comunicação humana.
2. Desenvolver um sistema descritivo dessa Língua de Sinais para convencer os pesquisadores (linguistas e educadores de Surdos) do fato citado em 1.
3. Convencer o público em geral e estabelecimentos educacionais da importância de permitir que as crianças Surdas se comunicassem em língua de sinais.
4. Sua maior meta: Aplicar os conhecimentos adquiridos nas pesquisas em Língua de Sinais em problemas mais amplos da natureza e evolução da capacidade humana de uso da linguagem. (p. 100)

Segundo Oliveira (2015), como concretização de sua primeira meta, Stokoe em 1960 publicou o seu artigo intitulado de *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf* no qual fez uma descrição da ASL com mapeamento de locais de realização do sinal, possibilidades de configurações de mãos e movimentos, tendo ainda associado um símbolo a cada um dos aspectos observados de forma a representar por escrito a realização espacial dos sinais.

Para a concretização da segunda meta, Stokoe produziu um dicionário nomeado de *A dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles*. Segundo Oliveira (2015), além de listar os sinais e explicar seu significado e uso, apresentava também uma análise linguística das partes de cada sinal. Na segunda meta, Stokoe apresentou mapeamento de locais de realização do sinal, possíveis formas assumidas pelas mãos e movimentos realizados por elas. Cada símbolo associado a cada um desses aspectos era representado por escrito a realização espacial dos sinais. Os símbolos eram limitados e totalizavam cinquenta e cinco. Eram doze símbolos para localização, dezenove para configuração de mão e vinte e quatro para ação das mãos. Oliveira (2015, p. 104) diz que “Ele [Stokoe] também constatou que essas possibilidades estavam presentes nos sinais em combinações variadas, demonstrando que as recombinações delas originariam outras unidades lexicais.” Antes, era apenas levado em conta três parâmetros da ASL- configuração de mão, ponto de articulação e movimento. E com o passar do tempo, foram acrescentados outros dois parâmetros importantes para a

língua- orientação e expressão facial, como ocorre na Libras. A ASL leva em conta a linguística das línguas de sinais tais como: a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Através disso, podemos perceber que a ASL possui uma estrutura assim como qualquer outra língua.

5. O HAND TALK E O ENSINO DA AMERICAN SIGN LANGUAGE

O Hand Talk é um aplicativo gratuito que traduz simultaneamente conteúdos em Português para a Libras e conteúdos em Inglês para a ASL. O aplicativo está voltado para usuários surdos e ouvintes.

O aplicativo, além de ser visto por muitos como apenas um tradutor, esta pesquisa visa demonstrar que o aplicativo vai além disso, uma vez que permite que alunos aprendam uma língua de sinais nacional ou estrangeira. Os recursos presentes no aplicativo facilitam no processo de aquisição da língua alvo, pois há muitos recursos semióticos e multimodais. Para Silva e Rodrigues (2014), a multimodalidade torna-se relevante pelo fato de que a combinação de diversos recursos semióticos (escrita, som, imagem, gestos, movimentos, expressões faciais, entre outros) convergem na construção de significados.

O ensino da ASL para estudantes surdos, o foco desta pesquisa, substitui o ensino da LI, uma vez que a tal LE está limitada à leitura e a escrita, fazendo com que os alunos surdos não façam o uso dessas duas habilidades em contexto real de comunicação. Mas, essa proposta não anula a importância da LI quanto à leitura e a escrita. A ASL é uma língua voltada para a Comunidade Surda e o ensino da língua na sala de aula inclusiva não faria sentido para muitos, pois a maioria são alunos ouvintes.

Essa proposta está centrada em escolas e salas bilíngues de surdos, pois terá uma importância para os surdos em conhecê-la assim como fazer o seu uso em contextos de interação com usuários da língua. Vimos que as TIDCs possuem um papel importante no ensino-aprendizagem e o aplicativo Hand Talk é um exemplo, pois serve de meio para o ensino da ASL.

O Hand Talk é visto como um tradutor pela maioria dos usuários. Pensando nos usuários ouvintes, esses digitam palavras ou frases na Língua Portuguesa ou Língua Inglesa a fim de ser traduzida para a Libras ou a ASL, mas ao ser traduzido, a sintaxe da Libras ou ASL não são respeitadas, pois as línguas orais possuem uma sintaxe diferente. Cabe aos professores ensinarem aos alunos ouvintes a sintaxe da Libras. Quanto aos usuários surdos, ao utilizarem o aplicativo, as palavras ou frases devem seguir a sintaxe da sua língua, a Libras,



para ser convergida na língua alvo, no caso a ASL. A sintaxe da Libras e da ASL são similares, pois é seguido a ordem SVO.

Para o aplicativo deixar de ser apenas uma ferramenta de tradução, o professor deve mediar os alunos envolvendo outros métodos ou tecnologias que reforcem o ensino da ASL, pois o aplicativo Hand Talk por si só não garante a aprendizagem da ASL de forma efetiva. AS TDICs para o ensino não fazem o papel de professor, mas sim são meios pelos quais os professores se apoiam para facilitar o que pretende ser ensinado.

Os professores podem utilizar as diversas ferramentas que o Hand Talk oferece. O aplicativo permite que os alunos aumentem ou diminuam a velocidade da tradução, que eles possam acessar o histórico das traduções recentes e adicionar novas aos favoritos, compartilhar os sinais aprendidos com os amigos, acessar o dicionário com os sinais de forma *offline*, personalizar os avatares Hugo e Maia. Além dessas ferramentas, o professor pode se apropriar do #HugoEnsina e ensinar sinais em Libras sobre astrologia, adjetivos, times de futebol brasileiro, lugares públicos, política etc. e mostrar como são sinalizados em ASL e até mesmo a forma escrita em LI.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que o ensino da ASL nas escolas está muito distante da nossa realidade, mas a pesquisa foi realizada com o intuito de gerar reflexões sobre o ensino de uma LE que contemple realmente as necessidades comunicacionais dos surdos. A LI não permite que os surdos a utilizem para a comunicação e estudar uma língua que limite as habilidades apenas à leitura e a escrita não é sobre ser totalmente inclusivo. Em situações comunicacionais com falantes americanos, os surdos não podem acessar apenas a leitura e a escrita, sendo que eles possuem a capacidade de usar uma língua de sinais estrangeira fazendo se sentir compreendido. Nos Estados Unidos, uma grande parte das pessoas sabem a ASL e não seria difícil encontrar pessoas que saibam a ASL.

Para haver o ensino da ASL nas escolas, seria necessário a existência de professores de LE que soubesse a ASL. E, a respeito das TDICs, o uso de ferramentas tecnológicas não adianta quando a escola não oferece os meios básicos para que isso ocorra, além de uma formação significativa do professor.

O aplicativo Hand Talk nos mostra a possibilidade de uso no ensino da ASL, mas cabe ao professor não estar limitado ao referido aplicativo. As ferramentas nele existente



possibilitam relacionar com diversas outras ferramentas tecnológicas, pois tudo é uma junção que serve para unir e garantir a aprendizagem dos alunos surdos.

A pesquisa serve para abrir espaço para reflexões, discussões e pesquisas que envolvam o ensino da ASL e/ou aplicativos que contribuam com o desenvolvimento e a aprendizagem de alunos surdos. Esperamos que o estudo sirva como um guia para professores de LE para alunos surdos e que pesquisadores sobre a surdez explorem mais esse universo que tanto tem que ser estudado. Vale ressaltar que este artigo buscou traçar reflexões iniciais e aproximações com o tema, não sendo possível esgotá-lo, pois pretendemos dar continuidade ao estudo.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, D. B.; VÓVIO. C. L. Uso de tecnologia e participação em letramento digitais em contextos de desigualdade. In: BRAGA, D. B. (Org.). **Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social: possibilidades e contradições**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FRAGA, L. B. F. F. **O Uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no Ensino de Língua Estrangeira**. 2013. 39 f. Monografia (Licenciatura em Letras- Línguas Modernas/ Espanhol) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. Educação Especial, formação de professores e o uso das tecnologias de informação e comunicação: a construção de práticas pedagógicas inclusivas. In: GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. (Org.). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**. Marília: Oficina Universitária, 2012. p. 11- 23.
- OLIVEIRA, J. S. **Análise Descritiva da Estrutura Querológica de Unidades Terminológicas do Glossário Letras- Libras**. 2015. 425 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- SANTOS, C. L. A.; ANDRADE, G. P. O Ensino de ASL para Alunos Surdos: uma proposta para o ensino de línguas estrangeiras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, 01, 2014. Campina Grande. **Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade**. Campina Grande: Realize Eventos Científicos & Editora, 2014. p. 01-10. Artigo completo.
- SANTOS, J. V. C.; OLIVEIRA, M, C. P.; VERAS, D. S. Ensino de Língua Inglesa para Surdos: o conhecimento de estudantes de Letras. *Revista Educação Inclusiva*, Campina Grande, v.3, n.03, p. 74-87, dez. 2019.
- SILVA, M. G. A.; RODRIGUES, L. P. Multimodalidade e Ensino: (re)descobrimo os sentidos na interação entre linguagens. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, 01, 2014. Campina Grande. **Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade**. Campina Grande: Realize Eventos Científicos & Editora, 2014. p. 01-09. Artigo completo.
- ZUFFO, D. O Aluno Surdo e a Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira. **Dia a Dia Educação**, Curitiba, v.01, p. 01-21, 2010.